

Editorial

Fábio Nobre e Andrea Pacheco Pacífico

As profundas alterações que cobrem o Sistema Internacional nos últimos anos, propõem a existência de forças que foram ignoradas ou, ao menos, negligenciadas pelo campo de estudo das Relações Internacionais. Tais forças são representadas por movimentos ou fenômenos, atores ou grupos, capazes de redirecionar os eixos de poder ou as dinâmicas entre pessoas e Estados, sendo, portanto, objetos fundamentais de atenção e debate. Elementos como uma suposta (re)emergência da religião nas relações internacionais, e disputas territoriais e por recursos passam a dividir espaço com dinâmicas como estratégias inovadoras de construção de paz e os esforços da Segurança Humana para pensar o indivíduo como centro do debate. São tais temas que reforçam o compromisso da Revista de Estudos Internacionais em tratar de temas referentes aos mesmos novos atores e/ou dinâmicas referidos acima, que se encontram presentes nesta nova edição.

Tendo reiterado o esforço dessa publicação em ceder suas páginas para tais dinâmicas, torna-se compreensível a importância do tema que abre a presente edição, no qual Nivaldo de Inojosa Farias e Marcos Alan S. V. Ferreira exploram o conceito de poder político através de uma lente pouco comum, em um objeto não menos inovador. A influência do catolicismo numa Tailândia estruturada tradicionalmente com base no Budismo Theravada é o foco de sua discussão, destacando a intrínseca relação entre religião e poder, por tanto tempo esquecida pelo debate da disciplina. A ascensão de uma instituição clássica como a religião, contrasta com o suposto declínio de outra, a democracia. André Mendes Pini se utiliza do contexto africano para buscar comprovar uma tendência no declínio do desempenho democrático em uma série de Estados da região.

O texto seguinte se debruça sobre o conceito da Segurança Humana, proposta multidimensional de um conceito de segurança, focado, em especial, numa mudança do referente, do Estado para o indivíduo. Daniel Mendes Aguiar Santos utiliza de tal arcabouço teórico para avaliar a busca da Organização das Nações Unidas em desenvolver um modelo abrangente e flexível para a proteção da população do Sudão do Sul. Ainda no continente africano, dessa vez focando na África do Sul, Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann e Luan do Nascimento Silva reforçam a abordagem de estratégias pouco convencionais de construção de paz, observando, em especial, a atuação da organização sul-africana Artist Proof Studio (APS) e sua importância com ações locais nas comunidades para resgatar o conceito de Ubuntu e mitigar conflitos.

Observando as estratégias de construção de paz, mas a partir de uma perspectiva institucional, o texto de Matheus Augusto Soares se debruça sobre o domínio de paz humanitarista pós-1945, utilizando como casos as operações de paz da Organização das Nações Unidas no Congo (ONUC) e da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). O discurso

pós-colonial é o foco do texto seguinte. Mônica Neves Santana analisa a dominação do universo imperialista no ambiente indiano retratando a superioridade da cultura europeia e a suposta perfeição do império, utilizando, em contrapartida, o arcabouço da estratégia da guerra de manobra.

A segunda parte da publicação, por sua vez, se volta para a América do Sul. A pesquisa de Pedro Diniz Rocha objetiva realizar uma análise geo-histórica do conflito de interesses entre Portugal e Espanha sobre a Bacia do Prata durante o período colonial. O texto aponta ainda antecedentes e interesses que resultariam na Guerra da Cisplatina entre Brasil e Argentina no ano de 1825. O artigo de Leonardo Granato aponta para os resultados da implementação do Acordo Multilateral de Seguridade Social do Mercosul pelo Brasil, mensurando a capacidade de desempenho das instituições públicas que têm a seu cargo a aplicação das medidas emergentes do Mercosul.

Ainda em perspectiva histórica, Angélica Saraiva Szucko procura identificar as condicionantes que, em alguma medida, contribuíram para a definição da política externa durante o primeiro governo Vargas (1930-1945) e o mandato de Dutra (1946-1951) – por meio dos eixos analíticos clássico, político-societal e interativo; e construtivista, pós-estruturalista e pós-colonialista. Por fim, o texto que conclui os artigos da edição, de Irene Rodrigues Gois, Rodrigo Barros de Albuquerque, traz um exame do Órgão de Solução de Controvérsias (OSC) da Organização Mundial do Comércio (OMC) e analisa as estratégias e respostas brasileiras nos contenciosos com os membros mais atuantes do órgão: Estados Unidos e União Europeia.

Por fim, há ainda uma resenha nessa edição, que complementa o tema que abre a mesma, *Religião e Relações Internacionais*. A resenha de Fábio Nobre para *Religião e Relações Internacionais: Dos Debates Teóricos ao Papel do Cristianismo e do Islã*. De autoria de Anna Carletti e Marcos Alan S. V. Ferreira, aponta para a importância dessa que é a primeira obra a discutir o tem em sua plenitude, no país.

Com essa terceira edição, que fecha o ano acadêmico de 2018, a Revista de Estudos Internacionais procura se estabelecer como um foro de estímulo ao debate de temas e problemáticas que influenciam e transformam as dinâmicas do Sistema Internacional e seus atores. Da mesma forma, a publicação propõe gerar espaço para debates produtivos e que provoquem no leitor a compreensão da importância de temas inovadores para o debate das RI que, por motivos diversos, outrora foram negligenciados. Aos interessados nas temáticas, boa leitura!